

## PORTUGAL NO CALVARIO

Não resistimos ao prazer de transcrever um trecho do *Portugal no Calvario*, de Guerra Junqueiro. Preceder esse trecho, ou o nome do auctor, de qualquer epitheto encomiastico era pleonasmio que raiava pelo disparate, por isso nos limitámos a sentir não ter mais para transcrever.

## A INGLATERRA

Hão de um dia as nações, como hyenas dementes,  
Teu imperio rasgar em feroz convulsão...  
E no torvo hallali, dando saltos ardentes,  
Com a baba da raiva esfervendo entre os dentes,  
A bramir levará cada qual seu quinhão.

E tu ficarás só na tua ilha normanda,  
Com teus barões feudaes e teus mendigos nus;  
Devorará teu peito um cancro acceso, a Irlanda,  
E a tua carne has de vel-a, ó meretriz nefanda,  
Lodo amassado em sangue, oiro amassado em pus!

E assim como em brutaes noites de pezadello  
No soturno porão de uma nau sem ninguem,  
Entre nuvens de fogo e temporaes de gelo,  
De bombordo a estibordo a rolar n'um novelo,  
Desabando e rugindo, aos montões, n'um vaivem,

Se estrangulam febris, roucos, dilacerantes,  
As pupillas a arder em brazas infernaes,  
Pantheras contra leões, ursos contra elephantas,  
Cobras em redemoinho a silvar dardejantes,  
Bufalos escornando os tigres e os chacaes;

Assim vós, assim vós, dura raça assassina,  
Sobre essa nau de pedra ondê o mar vae bater,  
Vos estrangulareis n'uma carnificina,  
De que só ficará, sob a densa neblina,  
N'um pantano de treva uma Gomorrha a arder!

GUERRA JUNQUEIRO.

1

11,9

### O CAÇADOR SIMÃO

(A Fialho d'Almeida)

A ballada que segue, appareceu na *Provincia*, foi transcripta no *Globo* e em varios jornaes da capital; e porque se esgotassem rapidamente as edições das folhas que a deram, cuidámos de prestar serviço ás letras, produzindo-a com illustrações, no nosso semanario. Ficam portanto os juizes rolheiros avisados, de que a nossa transcripção é sem intuitos d'irrespeito, — credo! — e não vae além d'um méro acepipe litterario.  
— Não é verdade que não vae, ó Lopo Vaes?



Jaz el-rei entrevado e moribundo  
Na fortaleza lobregra e silente...  
Corta a mudez sinistra o mar profundo...  
Chora a rainha desgrenhadamente...

Papagaio real, diz-me quem passa?  
— E' o principe Simão que vae á caça.

Os sinos dobram pelo rei finado...  
Morte tremenda, pavoroso horror!...  
Sae das almas atonitas um brado,  
Um brado immenso d'amargura e dor...

Papagaio real, diz-me, quem passa?  
— E' el-rei D. Simão que vae á caça.

Cospe o estrangeiro affrontas assassinas  
Sobre o rosto da patria a agonisar...  
Rugem nos corações furias leoninas,  
Erguem-se as mãos crispadas para o ar!...

Papagaio real, diz-me, quem passa?  
— E' el-rei D. Simão que vae á caça.

A Patria é morta! a Liberdade é morta!  
Noite negra sem astros, sem faroes!  
Ri o estrangeiro odioso á nossa porta,  
Guarda a Infamia os sepulchros dos Heroes!

Papagaio real, diz-me, quem passa?  
— E' el-rei D. Simão que vae á caça.

Tiros ao longe n'uma lucta accesa!  
Rola indomitamente a multidão...  
Tocam clarins de guerra a Marselheza...  
Desaba um throno em subita explosão!...

Papagaio real, diz-me, quem passa?  
— E' alguém, é alguém que foi á caça  
Do caçador Simão!...

Vianna do Castello, 8 d'abril de 1890. GUERRA JUNQUEIRO. R. APHELBORDILO PINHEIRO

2

1. "Inglaterra"  
*A Imprensa*  
N.º 59, 1890, p. 84

2. "O Caçador Simão"  
*Pontos nos ii*  
N.º 251, 17 Abr. 1890, p. 124-125